

Migração religiosa e oralidade: a expansão da União do Vegetal em Santa Catarina

Maicon de Farias Valsechi¹

Resumo

Em meados dos anos de 1980 o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, também conhecido como União do Vegetal (UDV), convencionado a ser reconhecido como uma das três religiões tradicionais do uso da ayahuasca, teve o seu processo de expansão aos centros urbanos acentuado. Como parte desse processo, um grupo de seus associados percebeu a necessidade de mobilização dessa prática religiosa para Santa Catarina. O presente trabalho tem por objetivo compreender essa experiência a partir da oralidade, historicizando os relatos dos sócios-fundadores do Núcleo Aliança, localizado em Balneário Rincão. Migrações internas de caráter religioso. Vínculos comunitários e convivência cotidiana como elementos estruturantes dessa experiência religiosa. Por esse percurso, o trabalho propõe ampliar algumas concepções sobre a formação das identidades religiosas, a recomposição do campo religioso brasileiro, os desafios de novas experiências religiosas no espaço social.

Palavras-chave: ayahuasca, União do Vegetal, Santa Catarina.

União do Vegetal em Santa Catarina: migração religiosa e redes de sociabilidades

Em meados de 1970 uma nova experiência religiosa passa a reivindicar o seu acesso e legitimidade no campo religioso brasileiro. O Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal convencionadas a serem chamadas como as três religiões tradicionais do uso da ayahuasca, encontraram na institucionalização e burocratização de suas estruturas organizacionais, o caminho para o reconhecimento social e legalidade estatal de suas ações. A União do Vegetal, também conhecida pela sigla UDV destaca-se nesse processo, haja vista o interesse dos próprios associados de diferentes regiões do Brasil em mobilizar essa experiência religiosa para regiões mais próximas de suas residências. A distância da região do Sul do Brasil com a Floresta Amazônica não foi um empecilho para esse processo, conforme se atesta a partir da fundação do Núcleo Aliança em Santa Catarina, aspecto que será aprofundado no desenvolvimento deste trabalho.

Em meados de 1980 a UDV tem o seu processo de expansão não apenas crescente, mas também consolidado em alguns centros urbanos². Essa expansão demonstrou um processo

¹ Doutorando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com financiamento PROMOP (Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação).

²Conforme dados obtidos no *site* da instituição, as primeiras atividades da UDV nos centros urbanos dos estados citados nos relatórios de investigação foram Rondônia, em 1965, Acre, em 1969, São Paulo, em 1972, e Rio de Janeiro e Bahia, ambos em 1976 (UDV, c2024).

de recomposição do campo religioso brasileiro, pois o crescimento dessa prática de fé aconteceu integralmente por meio de indivíduos que partem de religiões consideradas tradicionais, principalmente do catolicismo, e por uma busca de um campo simbólico que atenda aos seus próprios anseios. Experiência em que os indivíduos não apenas criam vínculos de adesão com a prática religiosa do uso da ayahuasca, como incorporam o lugar de responsáveis na sua expansão.

A atenção midiática que não apenas a União do Vegetal, mas as demais religiões ayahuasqueiras passam a receber, chamam a atenção de diversos sujeitos na sociedade, que por motivações múltiplas, têm interesse em conhecer e se aproximar dessas práticas de crenças. A distância antes laboriosa da religião em seu berço amazônico, começa a ser superada pela criação de novos núcleos em diferentes regiões do Brasil. A exposição midiática, somada às novas facilidades de logística, geram um espaço propício para o processo de expansão da instituição para as regiões Sul e Sudeste do país, ampliando o seu número de filiados e propiciando a criação de novos núcleos. Movimento de expansão percebido a partir de diferentes experiências migracionais que acompanham a história da instituição desde o seu começo e continuam a ser um dos impulsionadores do seu processo de crescimento, logo, matéria-prima que possibilita o aprofundamento da investigação histórica. O movimento amalgamado entre religião e migração como elemento explicativo da experiência histórica. “Reconhecendo a relevância da religião, estudiosos da migração têm examinado as intersecções entre religião e migração de diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e religiosas” (Coutinho, 2022, p. 17). Evidenciam que a “religião e migração são temas altamente complexos e multifacetados” (Coutinho, 2022, p. 17), e encontram em cada experiência religiosa características próprias, e experiências singulares.

O espaço multicultural que possibilitou o surgimento das religiões ayahuasqueiras foi um imbricado encontro de diversos processos migratórios. Em especial para a UDV, a migração de nordestinos para o interior da floresta no Segundo Ciclo da Borracha possibilitou a chegada de José Gabriel da Costa, Mestre Gabriel, ao encontro das plantas, dos espaços e das pessoas que possibilitaram a criação dessa religiosidade. No processo de expansão da instituição a migração também se torna presente de outras formas e com outras motivações. São trajetórias de pessoas que se deslocam para as cidades mais próximas das florestas com a finalidade de conhecer o chá, bem como de sujeitos que saem dessas regiões em direção ao Sul do país com a missão específica de criação de novos núcleos. Essas trajetórias, sobretudo

individuais, atravessam e são atravessadas pela busca de uma experiência espiritual, de uma conexão religiosa mobilizada pela transcendência enteogênica. Espaço do impalpável, que no sentimento de busca de si, mobilizam os encontros e os desencontros que foram necessários à expansão dessa religiosidade aos centros urbanos. Dessa forma, observa-se a migração como acontecimento estruturante no processo de recomposição de crenças quando pensada a partir da UDV.

Essas experiências acontecem profundamente articuladas a processos migratórios singulares, com diferentes intencionalidades, mas que quando unidos produzem esse espaço propício para a expansão religiosa. A mobilização dos indivíduos abarca não apenas as práticas de fé e do uso religioso do chá, mas também um *ethos* da cultura caianinha para outras regiões. Não mais apenas individuais, essas histórias integram uma narrativa coletiva e constituem a história da expansão da própria instituição. E é por meio dessas histórias que se constroi a narrativa de constituição e de expansão da instituição religiosa até a formação de dois dos núcleos localizados em Santa Catarina, o Núcleo Estrela D'alva em Florianópolis e o Núcleo Aliança em Balneário Rincão.

As entrevistas utilizadas como fontes históricas nesse trabalho, foram em partes disponibilizadas pela própria instituição, e outras produzidas no decorrer do processo investigativo. Os primeiros entrevistados foram o Sr. Sérgio C. e a Sr.a Marlene C.³, que prontamente disponibilizaram o relato de suas experiências. Pessoas de semblantes leves, que trazem na memória os desafios vividos, o encantamento pelos acontecimentos imprevisíveis e um conjunto bem definido de nomes, datas e lugares. Fui recebido na casa do casal, estabelecendo um lugar de conforto para o trabalho que seria desenvolvido. Um espaço amplo, com uma grande parede de vidro, que integrava a sala de estar com um pequeno espaço de resistência da Mata Atlântica no centro urbano da cidade de Criciúma/SC. A vegetação e o som dos pássaros passaram a integrar parte da nossa conversa. Já havia escutado ambos relatarem alguns fragmentos de suas trajetórias em busca desse encontro espiritual com o chá. Dessa forma, meu objetivo estava além da busca pela confirmação dos relatos já ouvidos, mas sim possibilitar um olhar metodológico sob esta narrativa, encontrar outras fendas desse percurso que ainda escapavam. Sérgio, desde muito criança, sentia a necessidade de uma busca, que com o desenvolver da vida foi assimilando como uma busca espiritual.⁴ A necessidade de encontrar algo, um vazio que se estabelecia e que em razão das diversas questões de sua trajetória de vida

³De forma a atender as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, os nomes dos entrevistados serão mantidos, contudo os sobrenomes serão reduzidos para a letra inicial.

⁴Narrativa obtida por meio de entrevista realizada.

era deixado à sombra. Um dia, caminhando em uma feirinha de artesanato na cidade de Francisco Beltrão, no Paraná, conheceu um rapaz que estava expondo algumas produções artesanais. Iniciada uma conversa amistosa, soube que aquele rapaz viajava com frequência a Rio Branco, no Acre, oportunidade em que bebia o chá do Santo Daime. Essa foi a primeira vez que essa informação chamava a atenção de Sérgio, que prontamente pediu maiores informações e contatos. *Eu não sei o que aconteceu comigo, eu já tinha casa, uma filha, a Marlene, estava casado. Aí eu falei: “Olha, eu vou pra lá”.*⁵ Por meio do contato obtido pelo rapaz, enviou uma carta para Padrinho Sebastião Mota, a liderança de uma das principais ramificações do Alto Santo, o Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS), popularmente chamado de Santo Daime. Padrinho Sebastião recebeu a correspondência e o pedido de Sérgio para conhecer o chá, autorizando que ele e sua família fossem conhecer a comunidade e a bebida sacralizada.

Essa foi a primeira migração que Sérgio e Marlene realizaram em busca de algo, ainda desconhecido, em direção a Rio Branco. Foram alguns dias de estrada, em uma época em que não havia ainda a popularização de tecnologias de geolocalização, e deslocamentos como esse se tornavam altamente complexos, mas por fim conseguiram chegar no endereço indicado. No local, encontraram sujeitos em uma relação de comunidade, pessoas acessíveis em um espaço ermo. No entanto, já nos primeiros instantes Sérgio afirmou não perceber naquele lugar o pulsar de sua busca, uma questão intangível, uma sensação. Em diálogo com alguns seguidores do Santo Daime, soube da existência de uma outra instituição que fazia uso do chá na região, a UDV. “Aí então a gente voltou pra Ariquemes, Rondônia. De Ariquemes até Rio Branco do Acre deve dar uns 900km”.

Na primeira noite em Ariquemes, Sérgio, Marlene e a filha de um ano de idade, foram jantar no restaurante de uma senhora migrante da Bahia que há anos habitava aquela região. Senhora que ao perceber que aquela família não era local, perguntou o que faziam ali. A região de Ariquemes, naquele período, era um espaço de constante migração de garimpeiros e agricultores, os principais clientes que frequentavam o restaurante. Sérgio afirmou que após sair de Francisco Beltrão, ainda no Paraná, sempre ao ser indagado sobre o que estava fazendo, respondia: “Eu dizia pra todo mundo que eu vinha para uma busca espiritual”. A resposta surpreendeu a proprietária do restaurante, pois grande parte das pessoas que ali passavam de fato buscavam terra e garimpo. Interessada pela história do jovem casal que saíra do interior do Paraná até a comunidade de Sebastião Mota no Acre, afirmou ser também espírita e que um

⁵As transcrições das falas serão identificadas em itálico no decorrer do texto.

amigo seu frequentava a UDV. Sérgio pediu a senhora que apresentasse esse seu amigo, pois recordava desse nome do encontro com os participantes do Santo Daime. No dia seguinte, em um almoço com Roberto de Souza, o amigo da senhora do restaurante, Sérgio compartilhou seus anseios, afirmando que estava ali pois veio visitar o Santo Daime, mas que sentiu não ser ainda o lugar que procurava. Após alguns questionamentos, Roberto conduziu Sérgio e Marlene até um senhor que era responsável por distribuir o chá pela UDV naquela região, de nome Bartolomeu, que dentro da instituição era conhecido como Mestre Bartolomeu, pessoa que conviveu com Mestre Gabriel⁶ nos primeiros anos de fundação da instituição, de quem havia recebido o título de Mestre⁷.

Por meio desses encontros, Sérgio participou no sábado seguinte da sua primeira sessão dentro da UDV, levando consigo mais duas pessoas que havia conhecido nesse intervalo de tempo. O seu vínculo associativo aconteceu na terceira vez em que participou do ritual: “Aí eu me convenci que eu encontrei o que eu estava procurando. Que eu tive assim umas mirações. E me convenceu o porquê eu estava nessa busca, com tanta ênfase, com sinceridade. Eu não sabia o que era, mas eu sabia que tinha que encontrar alguma coisa”.

Marlene, de origem católica, não manifestava interesse em buscar outra prática religiosa inicialmente, compreendendo que as mudanças ocorridas faziam parte de uma busca de Sérgio. Essa primeira experiência de Marlene foi intensa a ponto de não querer mais beber o chá, no entanto compreendendo posteriormente que aquilo vivido fazia parte do seu processo pessoal de contato com o chá, retornou aos rituais. Após esses primeiros contatos, migraram para Porto Velho, Rondônia, local considerado a sede histórica da instituição. Nas suas trajetórias, a passagem por Rondônia foi um elemento fundamental e estruturante de suas vidas a partir daquele momento, por presenciarem os primeiros anos da religião. Sérgio nostálgico em sua narrativa afirmou: “Eu vi que ali estava o berço da União do Vegetal. Eu cheguei em 80, o Mestre Gabriel fazia 9 anos que tinha desencarnado. Então estava viva a memória do Mestre Gabriel com as pessoas. Estava tudo muito vivo ainda, e nós vivia isso, afirmou Sérgio”. Por meio da convivência, passaram a compartilhar no dia a dia o que passou a ser chamado de “cultura caianinha”. A origem desse nome vem de uma das principais histórias que constituem a cosmovisão do grupo, sendo Caiano o primeiro hoasqueiro, e os seus seguidores os caianinhos. “Os assuntos 100% da UDV, e os ensinamentos do Mestre Gabriel, que ele falava, que ele falou, a cultura caianinha era vivida 24 horas por dia, dentro dessa cultura os ensinamentos,

⁶ José Gabriel da Costa fundou o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal em 1961, sendo reconhecido e chamado por seus seguidores, chamado de sócios ou associados, como Mestre Gabriel.

⁷ Hierarquia da instituição.

também eram naturais eles acontecerem juntos”. Segundo Sérgio, essa forma de pensar e constituir a prática religiosa acontecia a partir de uma relação de troca que se estendia para além do ritual. A troca dos ensinamentos, doutrinas, dogmas e aspectos cosmológicos da crença, eram compartilhados diariamente por meio da convivência. Conforme preceitua Danielé Hervieu-Léger (2008, p. 64), “os indivíduos constroem sua própria identidade sociorreligiosa a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição e/ou aos quais eles podem ter acesso em função das diferentes experiências em que são implicados”.

A experiência vivida por ambos foi fundamental nesse processo de expansão para a região Sul, pois os afetos, experiências e conexões com a instituição ainda em seu momento de germinação, passaram a constituir parte da identidade religiosa do casal. Dessa forma, “a identidade é analisada como o resultado, sempre precário e susceptível de ser questionado, de uma trajetória de identificação que se realiza ao longo do tempo” (Hervieu-Léger, 2008, p. 64). No caso de Sérgio e Marlene, trajetória altamente subjetiva que tem como elementos simbólicos aspectos que inclusive fogem ao próprio aspecto doutrinário, já que a migração entra como instrumento fundamental na construção da identidade religiosa. “Este processo é completamente natural – as identidades não são fixas, caracterizam-se pela complexidade, fluidez e muitas permutações” (Siuda-Ambroziak, 2016, p. 198). A experiência migratória deixa de ter exclusiva relação de mobilização e passa a constituir parte da formação da identidade religiosa. Essa relação entre diferentes culturas e regionalidades mediadas na formação da identidade religiosa em movimento amplia e complexifica a própria subjetividade do campo religioso.

Após aproximadamente dois anos, o casal resolve iniciar o movimento de retornar para a Região Sul, agora na bagagem a intenção de levar consigo essa nova religião. “Essas trajetórias de identificação não são apenas percursos de crença. Envolvem, também, tudo aquilo que constitui a substância do crer: práticas, pertencimentos anteriores, maneiras de conceber o mundo” (Hervieu-Léger, 2008, p. 64). A migração se torna o meio pelo qual novos elementos foram integrados à identidade religiosa, ao mesmo tempo em que posteriormente é a portadora desses mesmos elementos para outra região. Isso porque a experiência vivida pelo casal apresenta a busca espiritual como aspecto gerador do processo migratório em direção à Região Norte, e posteriormente o retorno à Região Sul com a intenção da expansão da religiosidade que respondeu a sua busca. Cabe observar que a migração vivenciada pelo casal teve como principal característica o aspecto espiritual e religioso como processo motivador. Por meio da abordagem do pesquisador Frank Usarski (2017, p. 2061) em dividir o processo migratório em

fases marcados pelo antes, durante e depois, entende-se que o antes, que é a motivação, foi gerado por uma busca espiritual com ponto de partida de Francisco Beltrão, Paraná; o durante, consistente nas circunstâncias, retrataria o período de aproximadamente um ano e meio em que vivenciaram uma imersão na comunidade religiosa, com adesão e filiação institucional, bem como a absorção dos diversos elementos inerentes à cultura caianinha. Essa dimensão cultural consiste em um “conjunto dos elementos cognitivos, simbólicos e práticos que constituem o patrimônio de uma tradição particular; a doutrina, os livros, os conhecimentos e suas interpretações, as práticas e os códigos rituais, a história” (Hervieu-Léger, 2008, p. 64). Por fim, o depois, que expressa o lugar onde se estabelece o lar duradouro, quando fixam residência em Criciúma, mobilizando consigo toda a experiência religiosa e cultural vivenciada nos anos de deslocamento. Constatamos, a partir dessas três categorias que foram “os fatores religiosos que impulsionaram a migração” (Usarski, 2017, p. 261), e a religião como uma variável dependente no processo, ou seja, uma migração de natureza espiritual/religiosa de motivação voluntária.

A experiência de Sérgio e Marlene é singular no sentido de acompanharem os primeiros anos dos núcleos iniciais além da Região Norte, bem como por participarem da criação de novos núcleos no processo de expansão para as regiões Sul e Sudeste. Inicialmente migraram para a cidade de Cascavel, Paraná, sendo realizada a transferência de associação de Sérgio para o Núcleo Samaúma, em São Paulo. Em razão da distância, frequentou poucas vezes a unidade, até ter conhecimento do movimento de fundação de um núcleo em Curitiba, Paraná, que posteriormente passou a ser chamado de Núcleo São Cosmo⁸ e São Damião. Em 1985, migram mais uma vez, agora em direção à cidade de Curitiba, “*pra seguir na União do Vegetal e iniciar o trabalho ali, que já tinha um terreno, o Mestre Rogério doou na época, uma chácara. Aí construímos uma choupana de laminados na parede e capim*”, relatou Sérgio. O Sr. Rogério era uma das autoridades da instituição que tinha a intenção de levar o chá para a Região Sul, e que, disponibilizando um terreno, conseguiu dar mais um passo nessa direção. Sérgio, ciente desse movimento a partir de um encontro no Núcleo Samaúma, resolveu migrar com a sua família para Curitiba, de modo a contribuir com essa iniciativa, tornando-se assim um dos sócios-fundadores do Núcleo São Cosmo e São Damião.

Em razão da busca de Sérgio por melhores oportunidades de trabalho, passados alguns anos, migraram novamente, agora em direção à Criciúma, Santa Catarina. Sua segunda

⁸Em outras práticas religiosas a nomenclatura utilizada é Cosme e Damião, contudo na UDV o nome utilizado é Cosmo e Damião.

filha já havia nascido, e continuavam a frequentar as sessões em Curitiba. A distância e as preocupações com a família com o tempo se tornaram um empecilho, quando em 1987, soube do início de uma Distribuição Autorizada de Vegetal em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. As distribuições autorizadas são os primeiros passos no processo de criação de um núcleo. É quando se estabelece a primeira irmandade, definido o terreno, as primeiras construções para realização das sessões bem como os espaços de trabalho e convívio. Sérgio passa a frequentá-lo, tornando-se sócio-fundador do Pré-Núcleo Jardim das Flores de Porto Alegre. Com a facilidade da distância agora reduzida, Marlene voltou a frequentar as sessões, quando permaneceram até 1994. Nessa época, participando um dia das atividades do núcleo, receberam a visita do Sr. José C., que na instituição era conhecido como Mestre Zé C., e souberam por este que um grupo de pessoas que morava em Florianópolis estava iniciando um movimento de criação de uma nova Distribuição Autorizada de Vegetal em Tijucas, chamada de Estrela D'alva. Além dos moradores de Florianópolis e região, essa distribuição passou a contar com pessoas da região de Criciúma, que passaram a participar das sessões a convite de Marlene e Sérgio.

Reginaldo P., um dos sócios fundadores do Núcleo Aliança, disponibilizou a sua narrativa em entrevista realizada em sua residência. Conforme fatos narrados, seu primeiro contato com o chá ocorreu de forma inesperada. Convidado para participar da sessão, desconhecia os seus efeitos, mas confiando no convite realizado por seu cunhado, abriu-se para a experiência, o que marcou inicialmente a sua trajetória na instituição. A primeira sessão que participou, ainda no Núcleo Estrela D'alva em Tijucas, foi dirigida por Sérgio C., que já conhecia por convivência profissional. Depois dessa primeira experiência, integrou-se ao grupo de pessoas que se deslocava de Criciúma para Tijucas em busca da periodicidade dessa experiência:

Ai formou um grupo de dez pessoas já, e tinha bebido mais alguns [...]. E então eu penso que um período ali pra frente, a gente começou [em pensar fundar um núcleo em Criciúma], já por causa da dificuldade que a gente tinha da estrada. Porque Florianópolis, sai daqui geralmente depois do almoço, sai duas horas da tarde, chegava lá geralmente, não participava muito dos mutirões. Nem eu, não participei muito dos mutirões lá. E aí participava da sessão e vinha embora depois da sessão, então a gente chegava em casa cinco, seis da manhã. Acho que toda vez a gente chegava sempre já com o Sol, com o dia clareando. Eu trabalhava no domingo, no mercado, e assar galinha ainda. Sombreado⁹. Não é brincadeira não. Sem dormir, já ligava com o domingo, ia pro mercado, trabalhava no domingo. Mas foi mais de um mês em diante, nós já começamos a pensar, começamos a falar, e escutar. Ai foi comprado o terreno e tudo. E estamos até hoje. (Reginaldo P., 2023).

⁹Expressão utilizada para definir a sensação vivenciada após o efeito do chá.

Pelas entrevistas realizadas, foi possível perceber que a distância tornou-se um fator fundamental de crescimento dessa religião ainda mais ao sul do estado. Os novos associados de Criciúma que conheceram a instituição em Tijucas já manifestaram desde o começo o interesse em reduzir essa distância, somando forças com uma intencionalidade ainda maior de Sérgio e Marlene. Conforme identificado, para estes a distância, a estrada e a logística familiar não eram impedimentos de fato, conforme narrado pelo casal, porém a necessidade de maior conforto e segurança na redução das distâncias moveu ações que posteriormente criaram as condições de formação do núcleo em Balneário Rincão, cidade vizinha à Criciúma. Sérgio C. (2022) relembra:

Eu e Marlene já estávamos com um querer imbuído de trazer a União do Vegetal pra Criciúma, uma porque já estávamos a 9 anos. Quando deu de 4 a 5 anos, eu tinha que encontrar um jeito de morar perto da União do Vegetal. Eu viajava muito. Assim cresceu um querer bem forte dentro de mim quando nós chegamos a Pré-Núcleo no Estrela D'alva. Eu falei: Mestre José Carvalho, eu quero dizer pro senhor, que eu quero levar a União do Vegetal pra Criciúma. Ai ele falou: Te do total apoio. Ai eu comecei, isso foi em 95, ai a primeira pessoa que eu levei pra lá foi o Eraldo, a Márcia, depois em segundo o Alessandro e Ana C., depois foi a Clemilda e trouxe toda a família Pacheco. Até que a gente conseguiu comprar um terreno aqui. E nós continuando a frequentar no Estrela D'alva. No terreno começamos a construir. Só que antes de ter terreno, nós já começamos a ter sessão lá na praia, uma vez por mês, sessão de escala. Nós não íamos mais pra Florianópolis, tinha sessão ali. E nós estávamos em seis a oito pessoas.

Com o início dos trabalhos de preparação para a fundação do Núcleo Aliança, em Balneário Rincão, novos sujeitos se associaram, com destaque para Silvio S. B. e Raquel B. As suas narrativas foram disponibilizadas em um dia de atividades de mutirão no próprio núcleo, em 2023. Em um espaço mais reservado, compartilharam as suas memórias. Silvio S. B. (2023) recordou que a partir de “março de 1997 foi finalizada a construção aqui, dali em diante foi autorizada uma sessão por mês aqui, e todos eram sócios no Estrela D'alva, mas como já tinha o movimento aqui, tinham que fazer mutirões. Nesse ínterim em julho a Raquel começou a vir, e em agosto eu vim”. Lembra que quando chegaram, o movimento de início dos trabalhos no núcleo já acontecia há aproximadamente dois anos, e que o objetivo principal era a compra do terreno para o plantio de mariri e de chacrona, conforme conselho recebido anos antes por Mestre Monteiro, da Sede Geral em Brasília. Enfim a autorização para se tornar uma Distribuição Autorizada foi realizada pelo então Mestre Geral Representante da época Sr. Manoel Nogueira - responsável pela instituição a nível nacional e internacional -, após visita de um secretário da diretoria geral da instituição, Sr. Marcio Da Rós. Raquel B. (2023) recorda que nos primeiros anos se consolidou uma profunda relação de comunidade entre os primeiros sócios, “nós vivíamos a União do Vegetal 24 horas do dia”. De igual modo, segundo relato de Marlene (2022), essa relação de convivência diária, de proximidade na formação de uma

comunidade, foi algo vivenciado em seus primeiros anos ainda em Ariquemes e posteriormente em Porto Velho. Esse aspecto na formação de vínculos, afetos e sociabilidades são elementos estruturantes da cultura caianinha, e passam a ser compartilhados nas diferentes regiões em que a religiosidade passa a alcançar.

A fundação de um novo núcleo

As dinâmicas de formação do Núcleo Aliança seguiram um movimento semelhante ao Estrela D'alva. Inicialmente a convivência em comunidade fortalecendo laços de adesão e iniciativa no processo de expansão e sessões realizadas em lugares adaptados, após as ações do grupo na articulação de pessoas, e assim a providência e logística dos meios materiais. A compra de um terreno é um passo inicial fundamental dentro da perspectiva da instituição, não apenas em razão da construção de um espaço físico de consagração religiosa, mas também como possibilidade de cultivar as plantas que constituem o chá. Compra que acontece unicamente por iniciativa financeira dos próprios sócios que passam a contribuir mensalmente com esse objetivo, bem como passam a realizar ações em comunidade para angariar fundos. Por fim, a autorização da Sede Geral da UDV, com o consequente início da distribuição do chá, de forma institucionalizada em 1º de novembro de 1997. Silvio S. B. (2023) relata que nesse dia foi realizada uma sessão dirigida por José Carvalho, quando Marlene, que dias antes havia sido convocada ainda no Estrela D'alva para ocupar o lugar de Conselheira – título presente dentro das hierarquias da instituição – recebeu a camisa do uniforme com a abreviação desse lugar na forma de CDC – sigla de Corpo do Conselho –, bordada em amarelo no bolso da camisa. Na sequência foi lido por José uma carta da sede geral autorizando a criação da distribuição autorizada, quando ao final da leitura, José levantou de seu lugar e entregou a direção da sessão a Sérgio C. Esses acontecimentos do dia tiveram para os participantes um profundo simbolismo de encantamento. Principalmente devido ao reconhecimento da trajetória de Marlene e Sérgio quanto aos diversos desafios vivenciados e das distâncias percorridas.

A chegada a Balneário Rincão, próximo à Criciúma, cidade onde residiam a maioria dos sócios do núcleo, foi observada não só pela comunidade local como também pela imprensa da região. A necessidade de descrição dessa prática de crença, que acompanhava desde os seus primeiros anos, prosseguiu em sua expansão na Região Sul. Na época, os preconceitos e os estereótipos com relação aos sócios da UDV já eram presentes, razão pela qual havia um cuidado ao compartilhar com outras pessoas sobre essa experiência religiosa. A respeito disso, Marlene (2022) relatou que:

Quando nós viemos morar em Criciúma, nós não podíamos falar da União do Vegetal. Não tinha abertura, era uma coisa muito diferente. Não tava no conhecimento das pessoas. Uma vez uma pessoa me perguntou se a União do Vegetal era secreta, e eu falei que ela não era secreta, era discreta. Por que ela disse que não tinha ouvido falar na sociedade dessa religião. Porque realmente não se comentava. Depois com a chegada do João B. na União do Vegetal, ele começou a trazer pessoas da universidade, e aí um jornalista fez uma entrevista que saiu em Criciúma sobre a União do Vegetal. Foi a primeira vez que se falou da União do Vegetal em Criciúma.

A reportagem que Marlene cita foi publicada pelo *Jornal da Manhã*, da cidade de Criciúma, em sua edição nº 5.507, de 5 de julho de 2002, disponível em seu acervo pessoal. Semelhante à reportagem apresentada no capítulo 3, nessa também ocorreu uma participação ativa do jornalista na sessão. Em parte da reportagem é descrito o passo a passo do ritual, com destaque ao chá e às relações de troca de experiências no sentido de comunidade. No recorte acima, destacam-se elementos da experiência do chá, do processo de expansão dos sentimentos e das sensações no acesso a memórias. Também apresenta alguns dados disponibilizados por Sérgio C. acerca dos cuidados que a instituição mantém com aqueles que têm o seu primeiro contato com o chá. E é realizada uma analogia do uso deste ao da hóstia católica, como espaço de comunhão. Essa estratégia argumentativa utilizada por Sérgio C. pode ser interpretada como uma forma de introdução à prática tão singular em uma sociedade majoritariamente mobilizada por segmentos religiosos vinculados ao catolicismo. Em outra parte da reportagem, o editor destaca um elemento presente nas diversas reportagens que abordam a instituição desde o seu surgimento, que é sobre o processo de expansão pelo Brasil, do surgimento no contexto da floresta e do uso do chá em sua longa duração no espaço amazônico.

Considerações finais

O processo de expansão da UDV até a formação dos Núcleos Estrela D'alva e Aliança demonstra um conjunto de elementos nas experiências individuais que evidenciam a existência de um processo mais de recomposição de crenças no campo religioso.. Indivíduos até então vinculados às religiões consideradas hegemônicas, principalmente a Igreja Católica, que em processos de busca por um reencantamento religioso conhecem e se associam a essa religiosidade ainda embrionária. Percebemos um processo de reconfiguração de crença que provoca a mobilização de um *ethos* da floresta, articulado com a religiosidade popular da cultura caianinha, e da migração como principal mobilizador desses elementos. A migração possibilitada por redes sociais de auxílio articuladas por comunidades religiosas, “refletindo nas sociedades a intensificação da diversidade cultural e a reconfiguração das culturas” (Coutinho, 2022, p. 12).

Uma imbricada rede de acontecimentos, com encontro entre indivíduos de diferentes culturas e identidades, que passam a articular em conjunto a expansão de uma religião até pouco tempo desconhecida. Ao provocarem essa expansão, geram novas formas de relação e de temporalidades por meio de uma convivência diária permeada por uma relação de comunidade. A cultura caianinha passa a existir e a ser mobilizada na formação de novas identidades, constituindo assim uma nova expressão de crença não apenas no campo religioso brasileiro, mas também no campo religioso catarinense.

Referências

- Coutinho, Suzana Ramos. Perspectivas teóricas sobre mobilidade e religião. **REVER**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 11-24, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/56485>. Acesso em: 1 maio 2024.
- Hervieu-Léger, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- Labate, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1588631>. Acesso em: 1 maio 2024.
- Labate, Beatriz Caiuby. A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras. *In*: Labate, Beatriz Caiuby; ARAUJO, Wladimir Sena. **O uso ritual da Ayahuasca**. Campinas: Mercado de letras, 2002.
- Siuda-Ambroziak, Renata. Sincretismos e migrações. *In*: RAMOS, Heloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (org.). **Religiosidades em migrações históricas e contemporâneas**. v. 6. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016. (Coleção Estudos Históricos Latino-Americanos – EHILA).
- Usarski, Frank. A estrutura heurística da pesquisa sobre religião e processos migratórios – síntese e exemplificação. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 3, p. 255-271, set.-dez. 2017.

Entrevistas e depoimentos

- Raquel O. B. **Entrevista**. Agosto de 2023. Entrevistador: Maicon de Farias Valsechi. Concedida em 21 de abril de 2023. Autorizada para fins desta dissertação em 11 de janeiro de 2024.
- Silvio S. B. **Entrevista**. Agosto de 2023. Entrevistador: Maicon de Farias Valsechi. Concedida em 21 de abril de 2023. Autorizada para fins desta dissertação em 11 de janeiro de 2024.
- Marlene M. K. C. **Entrevista**. Junho de 2023. Entrevistador: Maicon de Farias Valsechi. Concedida em 5 de dezembro de 2022. Autorizada para fins desta dissertação em 11 de janeiro de 2024.

Sérgio C. **Entrevista.** Junho de 2023. Entrevistador: Maicon de Farias Valsechi. Concedida em 5 de dezembro de 2022. Autorizada para fins desta dissertação em 11 de janeiro de 2024.

Reginaldo F. P. **Entrevista.** Setembro de 2023. Entrevistador: Maicon de Farias Valsechi. Concedida em 7 de setembro de 2023. Autorizada para fins desta dissertação em 20 de março de 2024.